

## Mal de Plata

Joaquín Correa  
Universidade Federal de Santa Catarina  
joaquin\_medio@hotmail.com

### Resumen:

En el deslizamiento semántico que propuso Federico Manuel Peralta Ramos en 1981, la ciudad de Mar del Plata se transformó en Mal de Plata, una ciudad que –según él– “se apropió de todo nuestro país y para la cual vamos todos inexorablemente”. Este oráculo involuntario cobraría fuerza en las periódicas tensiones del país, en las que la ciudad se convertía en “uno de los termómetros veloces de la crisis argentina”, como la definió Martín Rodríguez, siendo testigo de renuncias de intendentes, saqueos, levantamientos y altísimas tasas de desempleo, las más altas del país. La lectura de algunos poemas escritos en los últimos años en la ciudad –o vinculados a ella– permite escuchar el ruido de la época. Diseñar “un recorrido por un circuito poético”, como lo propone Matías Moscardi en su *Antología de la poesía argentina contemporánea en Mar del Plata. Las olas y el viento*, publicada en 2015, cuestionará este “sensible más o menos común en cuanto a las ideas de poesía que trae esta marea”, tratando de ver/oír los vínculos entre poesía, dinero y trabajo, entendiendo los poemas como dispositivos ópticos del contexto.

**Palabras clave:** Mal de Plata; trabajo; dinero; poesía contemporánea; crisis.

## Devil Town

### Abstract:

In the semantic gap proposed by Federico Manuel Peralta Ramos in 1981, the city of Mar del Plata was transformed into Mal de Plata. This involuntary oracle would gain strength in the periodic tensions of Argentina. The city became "uno de los termómetros veloces de la crisis argentina", as Martín Rodríguez defined it, witnessing the resignation of mayors, looting, uprisings and extremely high unemployment rates, the highest in the country. Reading some poems written in recent years in the city – or linked to it – allows to listen the time's noise. Designing “un recorrido por un circuito poético”, as Matías Moscardi proposes in his *Antología de la poesía argentina contemporánea en Mar del Plata. Las olas y el viento*, published in 2015, this paper will question this "sensible más o menos común en cuanto a las ideas de poesía que trae esta marea", trying to see/hear the links between poetry, money and work, understanding the poems as devices optics of the context.

**Keywords:** Mal de Plata; work; money; contemporary poetry; crisis.

**Fecha de recepción:** 12/ 11/ 2022

**Fecha de aceptación:** 15/ 06/ 2023

*hay algo como un clima  
de época  
y nos está hundiendo*

“muere por día una mujer y media”, Fernanda Mugica

No deslizamento semântico que Federico Manuel Peralta Ramos propunha em 1981, a cidade de Mar del Plata se transformava em Mal de Plata, uma cidade que – segundo ele – “toma conta de todo o nosso país e para o qual todos nós vamos inexoravelmente”, e na qual a frase de Álvaro Alsogaray, ministro de economia plenipotenciário da ditadura cívico-militar argentina, “hay que pasar el invierno”, se transformava no slogan “(h)ay que pasar el infierno”, do *Misterio de Economía* (Capurro 2021). Esse oráculo involuntário cobraria força nas periódicas tensões do país, nas quais a cidade virava “uno de los termómetros veloces de las crisis argentinas” (Rodríguez 2022)<sup>1</sup>, assistindo a renúncia de prefeitos, saqueios, levantes e uns índices altíssimos de desemprego, os mais altos do país (24,6% em julho de 2012, 13,4% em setembro de 2019, 26% em setembro de 2020, segundo dados do INDEC). A leitura de alguns poemas feitos nos últimos anos na cidade – ou atrelados a ela –, permitem escutar o barulho da época. Desenhando “un recorrido por un circuito poético” (2015: 8), tal e como propôs Matias Moscardi na sua *Antología de poesía argentina contemporánea en Mar del Plata. Las olas y el viento*, publicada em 2015, se interrogará esse “sensible más o menos común en cuanto a las ideas de poesía que trae esta marea” (2015: 11), procurando ver / ouvir os vínculos entre poesia, dinheiro e trabalho, entendendo os poemas enquanto dispositivos hápticos / ópticos do contexto. Em Mar del Plata está grafado o mesmo metal que dá nome ao país e que, para todos seus

---

<sup>1</sup> Se fizermos o exercício imaginário de comparar a cidade de Mar del Plata com outra similar (a partir de certos parâmetros tais como: trabalho informal, importância do turismo, recepção estival da imigração interna), como é a cidade de Florianópolis, no Brasil, não encontraremos uma presença do dinheiro e do trabalho tão forte nos poemas feitos e/ou atrelados à cidade como acontece em Mal de Plata. Mencionemos apenas algumas exceções. Nos poemas de Demétrio Panarotto, por exemplo, a profissão do poeta aparece desaturizada, ridiculizada até, mas o vínculo com o trabalho enquanto fonte de renda não está presente. Aparece sim uma crítica ao capital, de uma forma macroestrutural: “para que uma minoria ostente a sua riqueza é necessário que uma parte maior desse bolo, bem maior, morra diariamente” (2021: 49). Já no primeiro livro do poeta nascido em Blumenau, mas que mora faz tempo na ilha de Santa Catarina, Dennis Radünz, *Exeus*, aparecia a série “Mais-valia”, onde desenvolvia, conforme Joca Wolff, a ideia da “menos valia do valor”, o “cálculo de pesos e medidas, custos e demandas. Balanço do ônus” (1998: 78), as contas, somas e divisões, do custo de um porvir, entre os meios de produção e a poesia. Já num dos últimos textos dele, *Ossama*, o dinheiro é pensado na sua materialidade (“Cinquenta cruzados novos”) e o poema no valor unitário (“Economia das formas breves”), vamos dizer assim, que ele tem: quanto vale cada um dos 31 poemas desse livro que o leitor tem nas mãos, que custou 31 reais: é um real ou menos? O papel do poema tem o mesmo valor que o papel do dinheiro? Quando a folha se gaste, o poema terá um preço menor e entrará em promoção ou ficará fora de circulação, como moeda antiga? Esse será um dos espectros do poema.

habitantes, significa o nome mais habitual do dinheiro, aquilo que, na cidade, seguindo a Peralta Ramos –aliás, descendente do fundador da cidade–, é um mal (**Figura 1**). Essa falta de dinheiro (“andar mal de plata”) faz da cidade um espaço da falta, do vazio, da crise, do mal. “¿La ciudad se mete en los poemas o los poemas se meten en la ciudad?”, se perguntava recentemente Flavia Garione (2022: s/n). Alguns anos antes, Matías Moscardi apresentou, num ciclo de poesia na Biblioteca Municipal, alguns poemas inéditos e ali, num deles, “los misterios del punk rock”, há uma possível resposta à pergunta da Flavia Garione:

se dice que la poesía actual  
es la escritura del presente  
mentira  
no conozco a nadie  
que pueda escribir sobre el presente  
es completamente al revés  
el presente se hace con el poema  
no existe antes de él

(2014: 8)

Os poetas, segundo Moscardi, eram atores que nem sabiam fingir que estavam desempregados. Escutemos o barulho da cidade de Mal de Plata.

**Figura 1: *Mal de Plata*, Federico Manuel Peralta Ramos. Fonte: Diario La voz**  
(<https://www.lavoz.com.ar/numero-cero/retrato-de-un-artista-psicodiferente>)



O próprio Matías Moscardi, em *Los círculos del agua*, de 2006, um dos seus primeiros livros publicados, denunciava uma das maldições de Mal de Plata: a profusão de grupos de

covers, evidência tanto da falta de entusiasmo dos bares e das produtoras locais pelos projetos independentes, quanto do simulacro que muitas vezes define à cidade:

*Punk is not dead, pero eso no soluciona las cosas. El gordo Gastón Leandro copa todos los bares de Mar del Plata: porque canta los temas que quieren escuchar las minitas (el Cover: esa dañosa versión de la Nada). El parche del Baterista Grunge dice Chaka y su banda se llama "Death to Fat Leandro". Jajá. "No, mentira, todavía no se nos ocurrió nada". Todo bien, gordo, pero no nos robes la plata del bolsillo.*

*¿Por qué no componés una canción que diga que en invierno no hay guardavidas y que los chicos miran desde la escollera de la Flecha cómo el bajo de Cristo se hunde entre las olas oscuras, en un día antiestético? (2015b: 13)*

O Gordo Leandro vira, desse modo, a personificação da maldição que tira o trabalho dos músicos marplatenses e, com isso, a possibilidade da subsistência.

Em uma série de poemas de Gastón Franchini, *Game over*, de 2003, o poema registra o que acontece do lado de cá das vitrines:

II  
la camisa cuesta  
\$12  
los zapatos  
\$25  
veo mi cara reflejada  
en la vidriera

XVIII  
un chico hambriento mira la vidriera  
donde en un televisor (*en una charlatana  
película Rusa*) un chico hambriento  
mira por el vidrio girar un pollo

(2015: 91-92)

A vitrine, porém, não é transparente: reflète só a impossibilidade de satisfazer o desejo, reflète o próprio sujeito desejando. As cenas revelam que a opacidade da superfície é uma qualidade não imanente e sim acidental, econômica no caso. Em outras cenas de cunho rural ou de uma urbanidade precária ou marginal, Franchini demonstra que esse acidente, a crise, atinge outros territórios e sujeitos:

la fregona de finlandia  
solo puede vivir  
buscando trabajo  
friendo cebolla  
salando la res.



(2019: 14)

Em *La cola del león* aparecem cenas similares, dessa vez recuperadas da infância:

habíamos nacido en una familia de locos  
y eso éramos:  
varios tipos flacos y de anteojos.  
juntábamos cosas de la calle  
y después las vendíamos por monedas,  
o con un destornillador, haciendo palanca,  
le sacábamos las chapas a los autos  
y las cambiábamos por helados de agua.

(2016: 14)

O território da infância ou juventude não aparece idealizado: é o território das brincadeiras, sim, mas também é o território dos primeiros empregos ou *changas*: ajudar o pai no conserto de televisores (“el león”), usufruir do veículo paterno consequência do escambo (“los cuatrerros”). Desse modo, indo da infância ao presente, o acidental vira imanente e a crise parece ser algo perpetuo, incessante, já não mais periódico.

O resgate das cenas críticas de “un país en erosión” (2016: 50) também se lê em *Volver*, de Esteban Quirós:

Hay veces que voy al mar o a tomar algo  
con Julia –que estudia para enfermera–  
al lugar donde nos conocimos.  
Está igual: los mozos  
cada vez cobran menos  
y mendigan monedas cuando acaba su turno  
cerca de la Terminal.

(2016: 39)

Esse local continua sempre igual e, portanto, decrépito, mas, de novo, não de um modo imanente e sim acidental: a decadência se registra não no lugar em si, mas no estatuto dos garçons, metonímico do salário deles. Em outro poema, nas ruas que vão para o mar se adivinham “las ávidas calles que mendigan / un billete roto, un cigarrillo empezado” (2016: 43). A cidade, nesse *retorno* –dado que Quirós é um dos tantos argentinos que mora no exterior, integrante dos incessantes fluxos e refluxos da maré migratória– aparece



levemente distorcida, estranhada, alheia<sup>2</sup>, porém sempre em crise, última lembrança do país abandonado.

*Dos mil doscientos ochenta y uno* é o título do primeiro livro de Agustina Catalano e é, também, o número da rua onde o poema, agora, após mais uma mudança, se localiza. Essa mudança implicou uma nova perspectiva para olhar o mundo ao redor e uma espécie de ingresso na vida adulta. No segundo texto do livro, lemos: “En este momento la imaginación no me sirve, necesito cosas concretas, precios accesibles y lugares donde poder comprar ollas, cortinas, toallas, platos, vasos. Las cosas materiales no son menos importantes que las espirituales. Eso es mentira” (2014: 16). A anterior imaginação da casa própria se contrapõe, no tempo-agora, às coisas concretas ou, melhor dizendo, ao valor das coisas concretas e desvela tanto a falsa hierarquização entre o espiritual e o material quanto certa relação entre o tamanho da casa e o preço das coisas: “Mi pozo es un pocito. Prefiero las casas con pocos espacios y con pocos metros. Un lugar amplio sería demasiado grande para mí y todo tendría más longitud como estar sola o el precio de las cosas” (2014: 28).

Aplicados em primeiro lugar aos locais comerciais do bairro, os parâmetros da economia logo serão relacionados à solidão e a possibilidade do encontro com o outro:

Los almacenes del barrio no tienen mercadería. No es una crisis ni un desabastecimiento. No tienen productos para ofrecer. Siento pena por ellos cada vez que pregunto por algo que no tienen. Es como si me dijeran “no puedo darte nada”. ¿Y pensarán que tienen el peor negocio de todos? ¿Quién no pensó alguna vez que era el peor?

En muchas relaciones, aun en las comerciales, siempre hay una parte que tiene poco para ofrecer. Por alguna razón extraña esas relaciones duran mucho tiempo y seguimos yendo a los almacenes vacíos. Para mí, es igual: nadie tiene lo que necesito. (2014: 32)

Pouco depois se perguntará: “¿por qué una persona sola no puede ser una familia?” (2014: 46). A definição da família é uma definição econômica. Uma vez namorando e morando juntos, essa união terá seus primeiros problemas por causa do dinheiro:

Se deben 236 pesos de electricidad y así empieza una de las primeras discusiones de una pareja bastante nueva que todavía puede solucionar las cosas con una sonrisa o con un chiste. Las boletas de electricidad o de gas o de lo que sea sirven muchas veces para demostrar que las parejas no son tan sólidas como las casas y casi siempre se derrumban por causas económicas. Pero también se puede pedir dinero, cuando eso no empeora las cosas y entonces en ese punto la mejor opción es seguir viviendo a oscuras hasta que

---

<sup>2</sup> “Esteban Quirós, nacido en Mar del Plata se hizo de un escaque de decir en una playa de afuera de su primer hogar. En ambos, la travesía y la caza los convocaron para dar con esa cuestión no menor de expresar su lengua como una ajenidad, que es el criterio básico de cualquier acción poética: sale de una lengua propia algo ajeno, que se convierte necesariamente en extrañeza” (Baltar 2016: 27-28).

con el próximo sueldo se puedan pagar las boletas vencidas y ver todo con más claridad. (2014: 50)

Na casa que habita o poema de Agustina Catalano, as redes que vão se tecendo para definir àquela nova vida têm no dinheiro um ponto que liga muitas outras questões. E o afetivo não se mantém alheio a isso: a chegada de uma quantidade de dinheiro extra obtida no Cassino trará, talvez, uma felicidade extra. Assim, o pensamento econômico vincula, em relações de causa – consequência, os aspectos da nova vida em uma espécie de tentativa por definir, primeiro, como viver e, segundo, como viver juntos. Para sair desse raciocínio, como se fosse a Matrix, o jovem casal continua indo no Cassino para tentar entender o funcionamento das redes:

¿Por qué siempre tengo que elegir entre ser feliz o tener dinero? Fuimos otra vez al Casino y perdimos lo poco que teníamos para sobrevivir el fin de semana. Volvimos a casa reflexionando sobre el dinero y la felicidad. ¿Estamos yendo al Casino porque nos divertimos o vamos a perder el dinero que tenemos para asegurar que somos felices? (2014: 54)

Esse equilíbrio sempre desequilibrado entre o material e o espiritual –que são a mesma coisa para Agustina Catalano– se mantém ao longo do texto e define o viver juntos. O poema vai se estabelecendo como o registro da economia do casal. A poesia, então, não se imagina como espaço utópico de afastamento da realidade e sim como modo de compreender o que está acontecendo no aqui e agora, se sujando nas contas dos ganhos e das despesas. No registro da poesia, assim, vai se estabelecendo a soma de trabalho cotidiano que o amor precisa para seguir em pé. Nesse sentido, o registro do poema é um artefato que se contrapõe à poeira da maquinaria Disney, segundo Andrés Gallina e Matías Moscardi: “En el gran cosmos de Disney reside una metáfora clave para pensar la primera fase del amor: todo es fantástico, no hay por qué imaginar lo desagradable; todo se transforma en oro, nadie trabaja y, a cambio, lo único que abunda es la riqueza” (2016: 63). O registro faz aparecer na superfície o processo gradativo do amor no casal, seu surgimento e sua história. O amor enquanto processo é um trabalho e os amantes seus operários.

Outra mudança e outro tipo de verso caracterizam seu livro mais recente, *El tamaño de mis miedos*, de 2018. A partir das palavras mais usadas pelo casal em seus primeiros anos, conforme a pesquisa de uma universidade, a voz do poema começa a colocar em números (tal o título do poema) o salário, o tempo de convivência, os livros, as despesas das contas do mês anterior e a média de encontros sexuais semanais. A estabilidade amorosa não garante, agora, estabilidade emocional para encarar o mundo do trabalho e da economia de subsistência:



me desespera  
ser ahora una carpeta amarilla  
que vive entre otras iguales  
dentro de un cajón húmedo  
en el Ministerio de Educación

(2018: 26)

Ser bolsista na Argentina é considerado um trabalho e, diante da perspectiva de quatro ou cinco anos com um salário fixo, a voz falante sente “ter futuro”, embora para o Ministério sua vida não esteja contemplada e seja apenas mais uma pasta na enorme estrutura burocrática do Estado. Diante da escrita institucional estatal, então, se situa o poema, que restaura –a partir do trabalho– a condição subjetiva. O trabalho e sua falta, sinônimo do “mal de plata”, para aqueles que nascemos ou crescemos nos períodos de crise de uma cidade maldita, modifica os atributos e o que era accidental vira imanente.

Por fim, nos últimos poemas publicados por Agustina Catalano, aparecidos na coletânea *Les poetas: Antología Premio Poesía Bienal Arte Joven Buenos Aires 2019*, os problemas econômicos não só não somem mas reaparecem o tempo todo, seja através da lembrança dos empregos passados num caixa de supermercado, morando nas ruínas de uma casa, seja através da noção de futuro que define uma vida verdadeira, quer dizer, talvez, adulta, frente a outra vida que é apenas um rascunho, uma vida anterior, uma vida de privações e de excessos, onde o futuro não é o que realmente importa e sim o agora, o presente. “Este año dejo de fumar” fecha enumerando distintas definições de futuro: “Un hombre dice que la pobreza es el futuro. / Flavia dice que el futuro es la poesía. / Tu mamá dice que no hay futuro” (2019: 21). Ninguém sabe o que é futuro, se existe ou não. Em todo caso, isso pouco importa num país prestes ao colapso:

ahora no hay que gastar en nada  
no hay que sacar préstamos  
el país va a explotar  
vas a perder todo lo que tenías

(2019: 23)

A única certeza que o poema conserva, além do presente e do futuro, é a sobrevivência do selvagem.

O idílio do passado, para Fernanda Mugica, era simplesmente contar com a seguridade social do estado e sentir esse abraço, o abraço do Estado, enquanto a outra pessoa ainda estava presente (2015: 18). Figuração do Estado acolhedor que reaparece nos seus sonhos: “soñé con el estado. era como una casa en la que me sentía bien” (2021: 91). Se, posteriormente, em “tampoco subestimar la belleza de la coca-cola”, o dinheiro





aparece como *souvenir* ou marcador de livro, em todo caso, obsoleto e numa moeda ultrapassada (“un billete de mil australes encontrado en un libro de Carl Sagan” (2018: 15), verso que, aliás, dá sintomaticamente título ao livro, nos últimos poemas de Flavia Garione, por sua vez, o trabalho na docência e, com ele, o salário escasso, surgem como uma preocupação constante e cotidiana que escande o ritmo dos versos situados na cidade maldita, da “crisis cotidiana y la manera de vivir con ello” (2019a: 40). Essa preocupação constante, por outro lado, impede pensar ou, pelo menos, pensar pouco (“Pizza vegana”). As anotações sobre o colégio que perpassam o poema de Garione se sabem vinculadas ao desastre estatal, do qual ninguém escapa e, numa paranoia geral, aquele que tenta fugir ou apenas se salvar é visto com desconfiança:

SEPTIEMBRE

La gente anda asustada por la corrida del dólar  
nadie anda por las calles  
las amigas estuvieron pésimas.  
Se me acusa  
¿amarrocar, yo?

(2019a: 16)

Se antes, se referindo ao debate sobre a legalização do aborto, tinha escrito “La vida pública realmente nos está tomando” (2019a: 14), pouco tempo depois o público invadirá de tal modo a intimidade que já não se diferenciarão seus limites:

### **Unos senadores**

Unos senadores votaron  
para que murieran mujeres,  
y hoy me llegaron 10.000 de gas  
por prender la estufa en invierno.  
Soy docente de literatura  
y cobro muy poquito  
pero me gusta mi trabajo,  
hay días que lo hago con ganas,  
pero cobro tan poco  
que cuando lleno la heladera de verduras  
me pongo contenta,  
una fiesta de repollitos y tomates cherrys.  
Estamos saliendo a las calles casi todos los días  
y ya no pensamos tanto en escribir poesía  
ni en ser cancherxs  
explotan las escuelas  
es algo que yo no sé,  
hay una nube de desazón.

(2019a: 20)



Diferentes elementos do contexto e da intimidade, misturados e indistinguíveis, aparecem encadeados como premissas de um raciocínio cuja conclusão é a confusão que arrasa tudo, inclusive a vontade de escrever poemas. Por sua vez, a economia do país ameaçará, diretamente, “con destruir aún más nuestro precario estilo de vida” (2019a: 17). A última coisa que prevalece e resiste, nessa matrisca das consequências do desastre neoliberal, é um corpo. O cuidado desse corpo justificará a escrita do poema.

Se tudo leva a pensar nas similitudes com a crise argentina de 2001, a diferença pode ser achada rapidamente na vida daqueles corpos migrantes, muitos ainda em perigosas condições de ilegalidade:

Conocí argentinos ilegales que se habían ido en 2001.  
Si vuelven ya no pueden entrar otra vez,  
como Ante la ley pero más abstracto.  
Sólo tienen una posibilidad y no deben desperdiciarla.  
Nadie les dice nada mientras trabajen muy duro para otros,  
no tienen vidas lindas  
pero pueden comprar cuatriciclos.  
Igual, siguen siendo pobres.  
Viven en zonas fabriles  
y son despreciados por algunas personas que los contratan.  
Escondidos de los demás,  
no se quejan  
siguen adelante.

(2019a: 21)

O sonho americano se revela um pesadelo. Estados Unidos não é mais uma saída da crise. O contexto, além disso, se diferencia no que tem a ver com os coletivos: agora há um reconhecimento nos corpos que estão na rua como próximos e são esses corpos, dentre os quais o próprio, os que devem ser defendidos sem se separar na individualidade.

Muitos dos textos recolhidos em *Se oyen gritos de chicas por las noches* e em *Lumpenproletariado*, ambos livros publicados em 2019, apareceram antes no blog de Garione, *Mi mente es como un DJ malo*. Em “Más me vale salir de este día”, diante das críticas dos colegas da instituição pelo seu engajamento coletivo, se definia: “Soy hija de docente y vengo de una familia trabajadora” (2019b: s/n). Um pouco antes, nesse mesmo mês, consequência da “macrisis”, publicava um anúncio procurando emprego, com ironia e desencanto, enumerando os diferentes trabalhos feitos, as suas habilidades e a sua ampla vontade. Já no topo do cansaço, no dia do seu aniversário, se revelará contra a exigência da felicidade, do bom humor e do sacrifício:

porque ahora, además, también hay que vivir relajada  
Y no exigir nada

y no quejarse nunca  
y hacer todo bien  
y estar siempre felices  
y sacrificarse sacrificarse  
romperse el alma.

(2019c: s/n)

Embora quando publicados em livros os poemas costumam ser recortados e modificados, atender ao blog dela é prestar atenção a uma obra em progresso, se fazendo. Por isso, talvez, ali são mais recorrentes as alusões à crise e ao emprego no colégio, e a cotidianidade da escrita ganha outros contornos, associados mais ao imediato: em “Adiós escuela secundaria”, por exemplo, a chegada da bolsa do CONICET permite, depois de fazer o exercício de se lembrar de todos os empregos do passado (“hice muchas cuentas y me di cuenta de que ese tipo de trabajos me iban a robar la vida y no se justificaba” (2019d: s/n), deixar o trabalho no colégio.

Se a maldição da cidade se propaga a uma certa ideia de entender a poesia, isso se faz evidente na poética de Nicolás Pedretti:

Está lloviendo. No estoy en un café, no miro a la gente ni los colores de los paraguas. Ni me preocupa agregarle algún sentido estúpido a las cosas que se van mojando, a las gotas sobre el asfalto, y tal. No me ataca ninguna inquietud existencialista. No estoy en París y ni siquiera en Buenos Aires. No tengo Mp3. Está lloviendo, me estoy mojando, voy a trabajar. (2015: 9)

A necessidade de dinheiro e a urgência do trabalho modificam a escrita do poema e a sua inserção na tradição da poesia. Assim, a situação periférica de Mar del Plata acaba incidindo na desmitificação dos *topoi* poéticos. O trabalho, aliás, aparece já no título de outro livro de Pedretti: *Trabajo ocho horas en un supermercado porque no sé hacer nada más*, que refaz o começo do poema intitulado “Déficit”: “Trabajo ocho horas de cajero en un supermercado porque no sé hacer nada” (2013: 79). O poema é apenas uma escrita, não é nada, não cabe no mundo do trabalho, está inserido nesse conjunto de coisas insignificantes, próprias do não saber fazer nada. A poesia, assim, para Pedretti não é um trabalho; trabalho é aquele do supermercado, as oito horas laborais passadas no caixa que, mesmo assim, não tiram a vida da pobreza: “No tengo un peso, como arroz y fideos todos los días menos los viernes que como tarta pascualina que me regala mi vecina La New Age. // Hace tanto que no como carne, si veo una vaca en la calle me le prendo al cuello como un koala y le tranzo el cerebro” (2013: 85).

Embora não apareçam vinculados diretamente ao trabalho, os poemas de Evangelina Aguilera, lidos a partir de “Jingle”, um poema publicado recentemente no



Facebook, se vinculan con o dinheiro, com a necessidade e seu “crispado lenguaje” (Picardo 2020: 10):

**Figura 2: “Jingle”, Evangelina Aguilera. Fonte: Facebook**  
(<https://www.facebook.com/Evangelina-Aguilera-100893839000585>)



O jingle, breve música que publicita um produto, tem a forma, aqui, de um poema, um poema feito para vender outros poemas, no caso. Na introdução, espécie de desculpas ou captatio benevolentia, diferencia o poema a seguir, “Jingle”, do resto dos poemas, pela aparente pobreza de recursos ou por sua não poeticidade. O que se coloca ali é uma cena do cotidiano, da poeta lidando com seus filhos, enquanto vende, pessoalmente, seus livros,

livros de poemas que convivem na sacola com os alimentos e que escreve para não ser pobre. A poesia, então, ter uma finalidade: tirar a poeta da pobreza.

Os poemas que foram sendo costurados nessa leitura evidenciam, como aparecia no primeiro poema de um texto publicado, precisamente, no ano de 2001, na Argentina, “uma vida ao redor / do alimento” (Porrúa 2021: 20). Deixam ver, desse modo, a dobra do fazer o poético, as condições materiais da sua produção, o estado de crise permanente *malplatense*. Para afirma-la ou bem para negá-la, para esses/as poetas, um pouco como as formigas de Ana Porrúa, a “única mística é a do trabalho” (2021: 20), e um pouco também como os samurais de Ana Porrúa, na precariedade, o que conta, são “os livros e as armas” (2021: 43), os poemas e o dinheiro. O presente acaba sendo “uma lasca / do presente” (2021: 55).

### Referências

Aguilera, Evangelina (9 de maio de 2022). “Jingle”, Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/Evangelina-Aguilera-100893839000585>. Aceso em: 12 de junho de 2022.

Baltar, Rosalía (2016). “Epílogo”. Quirós, Esteban. *La liebre*, Mar del Plata, Fanzine.

Capurro, Juan Carlos (2021). Federico Manuel Peralta Ramos. *Un mago en Mal de Plata*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DySi1t37Qy4>. Aceso em: 13 de junho de 2022.

Catalano, Agustina (2014). *Dos mil doscientos ochenta y uno*, Mar del Plata, La Bola Editora.

---. (2018). *El tamaño de mis miedos*, Buenos Aires, Concreto Editorial.

---. (2019). “Agustina Catalano”. Al Nayar, Yamila; Catalano, Agustina; Del Guercio, Mila et al. *Les poetas. Antología Premio Poesía Bienal Arte Joven Buenos Aires 2019*, Buenos Aires, Gog & Magog: 19-23.

Franchini, Gastón (2009). *Aguirre*, Mar del Plata, Goles rosas.

---. (2015). “Gastón Franchini”. Moscardi, Matías (selección y prólogo). *Las olas y el viento. Antología de poesía argentina contemporánea en Mar del Plata*, Batán, Letra Sudaca Ediciones: 85-99.

---. (2016). *La cola del león*, Mar del Plata, Goles rosas.

Gallina, Andrés y Moscardi, Matías (2016). *Diccionario de separación: de Amor a Zombie*, Buenos Aires, Eterna Cadencia.

Garione, Flavia (2019a). *Se oyen gritos de chicas por las noches*, Buenos Aires, Caleta Olivia.

---. (2019b). “Más me vale salir de este día”. *Mi mente es como un DJ malo*. Disponível em: <http://tengogatitosbebes.blogspot.com/2019/02/mas-me-vale-salir-de-este-dia.html>.

Aceso em: 9 de dezembro de 2019.

- . (2019c). "14 de mayo". *Mi mente es como un DJ malo*. Disponible em:  
<http://tengogatitosbebes.blogspot.com/2019/05/14-de-mayo.html>. Aceso em: 9 de  
dezeembro de 2019.
- . (2019d). "Adiós escuela secundaria". *Mi mente es como un DJ malo*. Disponible em:  
<http://tengogatitosbebes.blogspot.com/2020/03/adios-escuela-secundaria.html>. Aceso  
em: 30 de dezembro de 2020.
- . (2022). "El ocio punk". *El Flasherito*, Buenos Aires. Disponible em:  
<http://flasherito.com.ar/el-ocio-punk/>. Aceso em: 13 de junho de 2022.
- Moscardi, Matías (2014). *Cualquiera*, Mar del Plata, La Bola editora.
- . (2015). "Sucundún, sucundún (a modo de prólogo)" (2015). *Las olas y el viento:  
antología de poesía argentina contemporánea en Mar del Plata*, Batán, Letra Sudaca  
Ediciones: 7-17.
- . (2015b). *Los círculos del agua*, Mar del Plata, Goles rosas.
- Mugica, Fernanda (2015). *El núcleo duro*, Mar del Plata, Goles rosas.
- . (2018). *Un billete de mil australes encontrado en un libro de Carl Sagan*, Rosario,  
Editorial Municipal de Rosario.
- . (2021). *Soné*, Buenos Aires, Matrerita.
- Panarotto, Demétrio (2021). *Privado*, Balneário Camboriu, Butecanis Editora Cabocla.
- Pedretti, Nicolás (2013). *Trabajo ocho horas en un supermercado porque no sé hacer nada  
más*, Ciudad de Buenos Aires, el autor.
- . (2015). *Fabián Gianola y otros poemas*, Mar del Plata, Goles rosas.
- Picardo, Osvaldo (2020). *Mar del Plata*, Mar del Plata, Goles rosas.
- Porrúa, Ana (2021). *Formigas & samuráis*, Rio de Janeiro, Mórula. Tradução Joca Wolff.
- Quirós, Esteban (2016). *Volver*, Barcelona, Ártese quien pueda Ediciones.
- Radünz, Dennis (1998). *Exeus*. 2ª edição, revista e ampliada, Florianópolis, Ed. Letras  
Contemporâneas & Ed. da UFSC.
- . (2016). *Ossama. Último livro*, Florianópolis, Jaraguá do Sul, Letras Contemporâneas &  
Editora da Casa.
- Rodríguez, Martín (2022). "Tirar la primera piedra: deuda, inflación y vidrios rotos",  
*elDiarioAR*. Disponible em: [https://www.eldiarioar.com/politica/tirar-primera-piedra-  
deuda-inflacion-vidrios-rotos\\_129\\_8845977.html](https://www.eldiarioar.com/politica/tirar-primera-piedra-deuda-inflacion-vidrios-rotos_129_8845977.html). Aceso em: 30 de maio de 2022.
- Wolff, Jorge H. (1998). "Exeus, poemapoema". Radünz, Dennis. *Exeus*. 2ª edição, revista e  
ampliada, Florianópolis, Ed. Letras Contemporâneas & Ed. da UFSC: 75-79.

